

Bordas: Psicanálise e Deslocamentos¹

Ao redor do buraco tudo é beira.

Ariano Suassuna

Como ponto de partida, importante lembrar: borda é a área, extremidade de uma superfície ou traço que circunscreve e limita algo. E deslocamento implica mudança, movimento, transposição, desalojamento, e mesmo subversão.

O fato de não termos recebido um “argumento” sobre o tema deste Colóquio² deixou aberto o caminho a seguir, permitindo que cada um pudesse inventar sua “borda” tendo como norte o título proposto. Nos primeiros encontros entre os delegados da IPB, da ELPV e da Maiêutica-Florianópolis, estabelecemos frutíferas trocas e muitas ideias foram colocadas na roda. De início, nos deparamos com a pandemia, o clima de guerra, com o desamparo pela permanente ameaça à vida, as dificuldades com os ritos em torno das mortes inumeráveis e, conseqüentemente, com um luto permanente de proporções inimagináveis que estamos vivendo. Destacamos também a importância de pensar as bordas a serem redesenhadas num percurso analítico, permitindo algum desalojamento de uma posição de gozo, alguma variedade, maior liberdade, algum movimento e suas conseqüências para os grupos analíticos que se abrem para o encontro com outros, rompendo fronteiras e estabelecendo litorais com suas porosidades.

Seria, então, a temática proposta, uma oportunidade para se pensar uma psicanálise extramuros? Algo que pudesse conectar o saber psicanalítico aos desafios que a contemporaneidade nos impõe? Em que medida um saber que (a)borda o mais íntimo da constituição de um sujeito pode contribuir

¹ Participaram da elaboração deste texto os membros de Convergencia: Escola Lacaniana de Psicanálise Vitória-ELPV, Intersecção Psicanalítica do Brasil-IPB, Maiêutica Florianópolis-Instituição Psicanalítica: Ana Lúcia Falcão, Ana Virginia Nion Rizzi, Antonio Roberto da Silva, Daniella Pereira, Darlene V. Gaudio Angelo Tronquoy, Deise Stein, Doris Luz Rinaldi, Francisca Guerra, Luiza Bradley Araujo, Inezinha Brandão Lied, Maria Celeste Faria, Jeanine Fialho, Maurício Eugênio Maliska, Heluane Peters, Ruth Ferreira Bastos.

² Colóquio da CEG, Nova Iorque, 25-26/06/2021.

para a construção de uma visão mais ampla das interações desse mesmo sujeito, ou dos efeitos de sujeito, em um cenário pandêmico, adverso e conturbado, tanto dos pontos de vista social e econômico quanto politicamente?

É inegável que a psicanálise nasce, irrompe no mundo, como uma experiência limite. Radical em sua proposição de origem, a divisão do sujeito, ela jamais cessou de desvelar o fato de que este se constitui por uma experiência de corte e de borda, ou seja, um sujeito é constituído pelo corte, pela batida traumática do significante e pelas bordas tecidas frente ao real da morte e da sexualidade.

Na análise pessoal, fazemos leitura e releitura, tradução e transliteração do material que recebemos do Outro para propor um rearranjo de letras e com elas borderar o real. Nesse caminho somos convidados a profanar as verdades sagradas a respeito do que somos. A interpretação permite revirar o sentido daquilo que nos foi ofertado pelo Outro como um bem. Só assim poderemos nos servir, de fato, dos significantes herdados a que estávamos alienados, “identifixados” e prisioneiros.

Uma psicanálise pode, contingencialmente, produzir um analista. Ele nasce do que se (re)corta como resto inabordável do enigma do desejo do Outro, que está, em última instância, à espera de uma escrita que se destaque da narrativa edípica, território simbólico herdado do Outro que tramou seu drama familiar. As narrativas que nos vêm do Outro nos entranham, como transfusão de gozo na carne humana, nos chegando via vozes, olhares, gestos e palavras, muitas vezes inaudíveis. Nesse território, o sujeito que fala se apresenta *a priori* como efeito de uma divisão, caminhando desorientado em meio a um texto do qual ele desconhece a autoria, ao mesmo tempo em que se surpreende com um dizer que aos poucos circunscreve, bordeia, o lugar de onde fala. Tarefa nada fácil: exige muita insistência apropriar-se do que resta para usá-lo livremente. É o que a escrita poética testemunha como heresia ao que está instituído, calcinado pelos ditos, e que serve aos analistas de paradigma ao autorizar-se dessa borda.

“[...] A língua é fruto de uma maturação, de um amadurecimento de alguma coisa que se cristaliza no uso; já a poesia advém [introduz e revela] de uma violência feita a este uso”³ (LACAN, 1976-1977, aula de 11/03/77, p. 141). É preciso, portanto, esvaziar o significante do seu valor de uso e romper a dureza dos hábitos cristalizados nas voltas da repetição com o ultraje que propicia a

³ Tradução livre do autor. No original: “*La langue est le fruit d’une maturation, d’un mûrissement de quelque chose que se cristallise dans l’usage... il reste que la poésie relève d’une violence faite à cet usage*”.

poesia. Desinventar objetos, como faz o poeta Manoel de Barros, dando a eles a abertura para uma nova função, uma outra satisfação, não sem encontrar a falta, pois “é de faltar de outro modo que se trata” (LACAN, 1977-1978, aula de 10/01/78, p. 17), isso aproxima o trabalho analítico da operação poética. Como afirma Lacan (2003, p. 568) mesmo, “[...] não sou poeta, mas um poema. E que se escreve, apesar de ter jeito de sujeito”.

Os textos “Sobre a transitoriedade (1915)” e “Reflexões para os tempos de guerra e morte (1916[1915])” ambos de Freud, são importantes como ilustração para esse escrito que indaga sobre as consequências da pandemia na contemporaneidade. Em “Reflexões para os tempos de guerra e morte”, Freud diz que, quando acontece uma morte, “[...] ficamos sempre profundamente atingidos e é como se fôssemos muito abalados em nossas expectativas” (FREUD, 1974(A), p. 328). Nosso narcisismo fica abalado. Afinal, podemos menos do que pensamos. O quanto somos diante da morte? A morte, enquanto um senhor absoluto, está para além do limite do dizível e, como disse La Rochefoucauld – citado por Lacan (1999, p. 42) em *O Seminário 5* – referindo-se à morte: ela é aquilo “que nos é tão impossível olhar fixamente quanto o sol”. O que seria possível dela falar se a morte se coloca precisamente como o limite de toda fala? No inconsciente não há registro da morte, só temos registro da castração, mas podemos imaginá-la.

O terror da morte iminente, em nossos dias, acendeu o que Freud chamou de desamparo originário do sujeito (FREUD, 1930, p. 90). Lançados, pois, no limite de seu desamparo, os homens, que até então se consideravam “os senhores da Terra”, têm seu lugar ameaçado por um vírus, numa guerra invisível, na qual se abre uma hiância mortal direcionada ao organismo vivo.

Seguindo o mesmo texto “Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915)”, diz Freud que, no caso da guerra, “[...] grande número de mortes simultâneas nos atinge como algo extremamente terrível” (1974(A), p. 328). E não poderia ser diferente pois, quando algo assim ocorre, a morte não pode mais ser negada, ficando impossível sustentar a crença em nossa imortalidade. E prossegue: “As pessoas realmente morrem, e não mais uma a uma, porém muitas, frequentemente dezenas de milhares, num único dia. A morte, assim, já não é mais um acontecimento fortuito” (FREUD, 1974(A), p. 329), observando Freud que o aturdimento, a angústia e a impotência que sofremos são determinados pelo fato de que se escancara, deste modo, nossa “[...] incapacidade de manter nossa atitude anterior em relação à morte, não tendo encontrado, ainda, uma nova” (FREUD, 1974(A), p. 330). Não é possível sustentar que “nada pode acontecer a mim”, pois não há exceção. Estamos todos ameaçados e o outro, meu semelhante, representa o eminente perigo de “contágio”. A peste

vem pela via do outro e o simples fato de respirar num mesmo espaço já anuncia tal perigo. O vírus invisível traz o horror e o mal-estar impondo a necessidade de isolamento e a impossibilidade da confrontação dos corpos, vetores de sua transmissão. O perigo se torna ameaçador e coletivo. Resta-nos, muitas vezes, a relação com o outro reduzida à voz e ao olhar nas experiências oferecidas pela *internet*. De algum modo, a pandemia nos empurrou para criar e inventar novas formas de sustentar a relação analítica e as trocas entre psicanalistas e instituições. A impossibilidade de nosso contato presencial nos aproximou de outro modo.

Então, quando o que estava não serve mais e o novo ainda não veio, surge um desequilíbrio, um caos que abre caminho para algo inusitado. Entre o que estava e o novo que ainda não adveio, temos que construir uma borda. Talvez seja esta uma maneira de dizer que o Real só pode ser alcançado por pontas, por troços e, portanto, só podemos bordeá-lo. Mas como borderar o Real?

Lacan, em *O Seminário, livro 21: les non-dupes errent*, traduzido por Espaço Moebius Psicanálise como *Os não-tolos vagueiam*, aponta a possibilidade de inventar, errar e vaguear a partir de possíveis combinações. Poder errar, vaguear, seriam formas de estabelecer um arranjo de configurações, de fazer uma borda a partir de um nó.

A invenção é a combinatória de letras, S, I, R, que provoca um entramado, um tecido que, por sua configuração topológica, é capaz de produzir um nó. Se há um efeito de verdade no nó, não basta saber, há que circulá-lo para ver se eles se enodam. Aqui jaz a possibilidade da invenção. Como se atravessa os avatares existenciais na humanidade? É podendo inventar e recriar novos enlaces para tentar borderar situações que se impõem de forma aparentemente intransigente. O que faz efetivamente nó é algo que atua como suporte (LACAN, 2016, aula de 08/01/74, p. 100), que cessou de não se escrever, e que terá que ser semblanteado para poder se sustentar (LACAN, 2016, aula de 15/01/74, p. 102). O vírus que ora circula pelo mundo desnodulou as antigas tramas da vida.

Parece que estamos novamente em meio a uma guerra, ou em tempo de importante transitoriedade. Os padrões nos quais nos ancorávamos socialmente estão em declínio, não servem mais e ainda não construímos o que poderia responder ou dar suporte aos novos desafios. São tempos difíceis! Estamos atordoados, impactados, o que tem reflexos na clínica nossa de cada dia. Por isso, diante do *hilflosigkeit*, do desamparo radical, frente às novas modalidades de sofrimento com as quais os sujeitos se veem confrontados, diante do que não vem nem pela palavra, nem em pensamento, surge a possibilidade, para alguns, de uma invenção da ordem do *sinthoma*, ou mesmo de um rearranjo do

sintoma, um empuxo à sublimação, à criação, como formas de sobreviver a essa catástrofe mundial. É isso ou... o pior.

Nos textos citados acima, de certa forma Freud evoca nossos tempos ao falar sobre os destroços materiais e subjetivos deixados pela guerra que:

Não só destruiu a beleza dos campos que atravessava e as obras de arte que encontrava em seu caminho, como também destruiu nosso orgulho pelas realizações de nossa civilização, nossa admiração por numerosos filósofos e artistas, e nossas esperanças quanto a um triunfo final sobre as divergências entre as nações e as raças. Maculou a elevada imparcialidade da nossa ciência, revelou nossos instintos em toda a sua nudez e soltou de dentro de nós os maus espíritos que julgávamos terem sido domados para sempre, por séculos de ininterrupta educação pelas mais nobres mentes” (FREUD, 1974(B), p. 347).

E prossegue falando sobre o luto a ser feito frente a tantas perdas, mas que, por mais doloroso que seja, um dia chega ao fim. Em “Sobre a transitoriedade (1916[1915])”, escrito imediatamente após a Primeira Grande Guerra, Freud deixa um recado mais otimista e esperançoso em relação ao que podemos aguardar após tempos muito difíceis e traumáticos. Diz Freud: “Quando o luto tiver terminado, verificar-se-á que o alto conceito em que tínhamos as riquezas da civilização nada perdeu com a descoberta de sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura que antes” (FREUD, 1974(B), p. 348). Assim, Freud, mesmo fazendo constar os destroços por onde a guerra passava, nos estimula a prospectar o futuro com alguma leveza.

Considerando, portanto, as reviravoltas introduzidas pelos efeitos reais do vírus no cotidiano das pessoas mundo afora, impõe-se aos analistas, diante do que tem transbordado na fala do sujeito em extremo sofrimento, além do acolhimento e escuta, a reflexão/teorização sobre os possíveis efeitos do luto sem corpo, sem os ritos fúnebres aos quais estávamos afeitos, bem como sobre as consequências do fato de que a morte, a perda real, ficou escancarada, na boca da cena do palco mundial, devastando, de um dia para o outro, famílias inteiras, suspendendo o imaginário – a ilusão necessária – de que a morte, ainda que dependamos da ideia de sua existência para viver, pode ser adiada.

A transitoriedade da vida, como nas guerras e outras pandemias/endemias (o mundo, lembremos, já passou por várias, e sem os recursos das ciências da atualidade), nossa extrema precariedade, nesta situação, foram postas em questão, interrogando os recursos de cada humano diante do Real,

fragilizando, talvez para todos, a possibilidade de criarmos bordas frente ao real da morte. Da morte e da sexualidade, pois que o poder de contaminação deste vírus – possivelmente o elemento novo desta pandemia – separou/isolou os corpos, introduzindo mudanças tais no erotismo que podemos dizer que trata-se de um erotismo “sem cheiro e sem sabor”, visto que, em muitos casos (essa modalidade também já existia antes), tudo se passa virtualmente. Soma-se a isso a constatação de que, para além de todo bom-senso, a pulsão de morte tem orientado os atos. Pois, como se sabe, diante da proibição é a busca desenfreada da satisfação o que se visa, sem que se considere nenhum entrave à restrição de uma suposta liberdade, levando a um “meu corpo, minha regra”, introduzindo a questão: “o que é próprio em tempos de pandemia”, uma vez que a saída é coletiva e o próprio se perde na coletividade, na perda da possibilidade dos deslocamentos no espaço público? São tempos de pandemia, ou da liberdade interrogada. Tempos em que as bordas subjetivas – no *Innenwelt* – se afrouxam ou se acirram conforme às da dita realidade – no *Umwelt* –, tornando-se, às vezes, amarras.

O fato de não poder estar junto com outros, gera uma falta, uma hiância que empurra para algo da ordem do inventar como um modo de manter o “vírus da vida”; que também se propaga em escala geométrica desafiando-nos a inventar outra forma de estar no mundo. Pulsão de morte, pulsão de vida, sempre a nos lembrar de sua continuidade e inseparabilidade. É porque o sentido da vida nos escapa irremediavelmente que buscamos dar sentido à nossa existência. Encontrar a “poesia da vida”, como diria Edgar Morin, é a possibilidade mesma de seguir vivendo, e não apenas sobrevivendo: chispa poética reveladora das incertezas do mundo. Enquanto analistas, nos cabe escutar a vida que segue pulsando, mesmo que despedaçada e em suspensão, ainda que o sobreviver tome o primeiro plano.

Talvez possamos pensar (esperançosamente) que há uma fronteira que permanece aberta para aqueles dispostos a colher uma experiência transformadora destes tempos inesperadamente disruptivos e avassaladores; pois esvaziados de sentidos que alimentam os sintomas, despidos de excessos improdutivos, seja possível acessar a “chispa poética” e com ela inventar um novo modo de estar no mundo.

A psicanálise preserva e se interessa sempre pela singularidade do desejo e do sujeito, marco único que distingue cada um, mas também se interessa e pensa o coletivo, a massa e seus fenômenos. Neste sentido, se opõe a considerar o *fallasser* apenas como gado, massa irracional alienada a um comando exterior, a uma voz que a guia. Seguindo este comando, o *fallasser* perde sua voz própria e

pode se precipitar em situações mortíferas e suicidas. A partir disso podemos pensar no que fazer para que o sujeito encontre sua própria poesia, única a poder retirá-lo das identificações e dos comandos sádicos e, muitas vezes, da satisfação a um pai mortífero que o apaga e o coloca em uma servidão voluntária.

Referências

FREUD, Sigmund. “Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915)”. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago Ed., 1974(A), Vol. XIV.

_____. “Sobre a transitoriedade (1916 [1915])”. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago Ed. Vol. XIV. Imago Ed., 1974(B).

_____. “O Mal-estar na civilização (1930)”. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago ed., 1974(C), Vol. XXI.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1999.

_____. *O Seminário, livro 21: os não tolos vagueiam*. Bahia: Espaço Moebius Psicanálise, 2016 (Publicação não comercial).

_____. *Le Séminaire, livre 24: L’Insu qui sait de l’une-bévue s’aile à mourre*. Versão staferla: http://www.valas.fr/IMG/pdf/S24_L_INSU---.pdf, 1976-1977.

_____. *Le Séminaire, livre 25: Le moment de conclure*. Versão staferla: <http://www.valas.fr/IMG/pdf/s25.pdf>, 1976-1977.

_____. “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2003.